

## REMINISCÊNCIA CARCERÁRIA: UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA MEMORIALISTA EM *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*, DE GRACILIANO RAMOS

Julia Ribeiro Nicolodi (PIC/ UEM)\_e-mail: ra103919@uem.br), Luzia Aparecida Berloff Tofalini (Orientadora), e-mail: [luziatofalini@hotmail.com](mailto:luziatofalini@hotmail.com)

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

### Letras/Literatura Brasileira

**Palavras-chave:** literatura memorialista, Geração de 30, Graciliano Ramos

### Resumo:

O propósito desta pesquisa foi investigar a relação entre a memória e o testemunho na construção do livro *Memórias do Cárcere*, escrito por Graciliano Ramos e publicado postumamente em setembro de 1953. No livro, o autor revisita seu passado com o intuito de construir sua última grande narrativa: as suas memórias como prisioneiro da Ditadura Vargas. Mas até onde essas memórias traumáticas e violentas podem ser tomadas como verdade na construção de um texto autobiográfico? Para isto, a pesquisa foi apoiada nos fundamentos teóricos de Philippe Lejeune, Maurice Halbwachs, Marcio Seligmann-Silva, entre outros nomes da literatura memorialista e graciliana.

### Introdução

*“Que adianta? Impossível conceber o sofrimento alheio se não sofremos”.*

(*Memórias do Cárcere*, p. 316, v. II, Graciliano Ramos)

Graciliano Ramos, nascido em Quebrangulo, cidade fronteira entre Alagoas e Pernambuco, foi criado desde cedo entre pequenas cidades do sertão nordestino. Foi escritor de inúmeros gêneros, muitas vezes jornalista e político por seus oito filhos, visto que “era preciso calçá-los, vesti-los, alimentá-los [...]” (RAMOS, 2004, p. 34, v. I). O escritor, apelidado de Velho Graça, era construtor de narrativas minuciosas e esquemáticas, adepto dos personagens anti-heroicos e de intenso teor psicológico. Foi preso durante a Ditadura Vargas e essa experiência deu vida ao seu último trabalho: *Memórias do Cárcere*.

Em 1953, aos 61 anos de idade, Graciliano falece, e seis meses depois, a obra *Memórias do Cárcere* é publicada pela editora José Olympio.

O livro foi inicialmente dividido em quatro volumes, embora o escritor não tenha concluído a obra antes de falecer, faltando o capítulo final, e trata de narrar as experiências pelo qual Graciliano Ramos passou ao ser encarcerado sem processo ou interrogação formal. Preso em 1936, um ano após a Intentona Comunista, o escritor esteve sob clausura durante dez meses, passando por porões de navios até que, enfim, fosse transferido para a Casa de Correção do Rio de Janeiro.

É preciso, porém, estar ciente de que a construção textual em *Memórias do Cárcere* é feita a partir da memória, utilizando-a como manifestação artística, já que Graciliano era impossibilitado de guardar notas sobre os acontecimentos que presenciava. E para que haja a comprovação da veracidade de suas memórias, o autor faz, no início de seu texto, um acordo com o leitor:

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos porque me silencie e porque me decido.... Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas? (RAMOS, 2004, p. 33, v. I).

No ramo da literatura, temos esse acordo denominado por Philippe Lejeune (2008) como *pacto autobiográfico*: por meio de um contrato textual, o autor convence o leitor da veracidade dos fatos expostos no texto biográfico. Assim, o leitor toma como verdade do indivíduo aquilo que é exposto, já que, a partir do pacto feito, Autor, Personagem e Narrador são a mesma pessoa.

Ainda é preciso levar em consideração que, na literatura memorialista, o mnemônico é fundamento para a escrita, daí surgem as possibilidades de incompatibilidade na construção de uma autobiografia, manifestando traços ficcionais e pondo em questionamento até onde seria possível a memória ser fiel aos acontecimentos reais, já que os sujeitos do texto estão separados pela distância temporal da enunciação e dos fatos em si.

Além disso, temos como mecanismo de funcionamento do texto o testemunho de situações violentas pelas quais Graciliano Ramos passou e levou consigo por dez anos, até que decidisse finalmente escrever sobre o assunto. Ao assumir a tarefa de escrever sobre o período em que esteve preso, o escritor alagoano fortalece o movimento da literatura de testemunho, em que escritores constroem narrativas que denunciam o horror dos anos de ditaduras militares na América Latina e do Holocausto da segunda Grande Guerra, como forma de reconstrução da própria História. Isto é, Graciliano Ramos, em prol da veracidade dos fatos passados durante

a Era Vargas, faz da experiência condição para escrita, como afirma Antonio Candido (1999, p. 58).

Assim como Medeiros (2007, p. 16) afirma, analisamos as memórias que Graciliano Ramos relata partindo do pressuposto de que estas “são uma reconceitualização do passado a partir do momento presente”, ou seja, consideraremos a memória como algo que pode ser interferido pela nebulosidade das lembranças traumáticas, já que a distância entre o tempo vivido e o tempo narrado influenciam na escrita, tornando-se empecilho no momento de delimitar o que é verdade e o que é criação.

## Materiais e métodos

De natureza bibliográfica, essa pesquisa foi realizada a partir da leitura de teorias já existentes acerca da literatura memorialista e, a partir disso, buscou investigar a relação entre memória e testemunho na construção do romance *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. O objetivo principal desta pesquisa foi, desde o início, demonstrar como a memória e sua fluidez influenciam na escrita de uma narrativa artística, analisando como a angústia gerada pelas experiências em cárcere podem modificar as lembranças e conseqüentemente a escrita testemunhal. Para alcançar tal objetivo, um cronograma anual foi construído para que leituras, fichamentos e discussões fossem desenvolvidos para que, durante a escrita do artigo, seu desenvolvimento fosse focado em aplicar a teoria aprendida ao texto artístico. A partir da leitura de textos teórico-críticos e do texto artístico (*Memórias do Cárcere*), foi elaborado um artigo sobre o tema proposto no projeto.

## Resultados e Discussão

O fato de Graciliano Ramos ter sido prisioneiro político durante a Era Vargas, colaborou para a construção de uma literatura na qual uma personagem (alter ego do autor) vivencia experiências durante a ditadura. Entre os diversos objetivos encontra-se também o intuito de construir uma nova memória social, de modo que a personagem se torna porta-voz daqueles que foram silenciados pela violência. Assim, podemos concluir que, neste caso, a literatura de testemunho torna-se uma nova forma de contar a História, colocando os oprimidos e marginalizados como foco de uma narrativa. A partir desse entendimento, possibilitado pela pesquisa, foi produzido um artigo com o mesmo título do projeto, ou seja, “Reminiscência carcerária: um estudo sobre a literatura memorialista em *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos”. Tais resultados serão apresentados no EAIC-UEM.

## Conclusões

Mesmo que nessa obra Graciliano Ramos busque dar voz aos seus companheiros de cárcere, seu testemunho torna-se uma forma de superar os eventos traumáticos que ainda permaneciam em suas memórias. Em *Memórias do Cárcere*, temos uma notável mudança na literatura do escritor alagoano, agora sua visão do homem, e de si mesmo, já não era mais a mesma, como o próprio escreveu: “precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima” (RAMOS, 2004, p. 154, v. I). Graciliano Ramos admite, então, sua fraqueza e sua insuficiência diante da opressão com o intuito de mostrar que a degradação de sua humanidade leva a uma nova concepção do seu eu, mostrando ao leitor que o horror dos anos de ditadura torna-se condição para a escrita de uma reconstrução da História.

### Agradecimentos

O desenvolvimento deste projeto só foi possível com a presença sempre cuidadosa da professora Luzia A. Berloff Tofalini, que sempre me orientou e, principalmente, me motivou a continuar com a pesquisa mesmo nos momentos mais difíceis. Guardo muito respeito e grande admiração por ela.

Agradeço também a Ivanir Jolio, pedagoga penal, que me deu a oportunidade de conhecer o contexto prisional de perto e que durante um ano me orientou e me ajudou a ser quem sou hoje.

### Referências

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: Ensaio sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: 34, 1999.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**: De Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha. Minas Gerais: UFMG, 2014.

MEDEIROS, Ana Vera R. de; MACIEL, Sheila Dias. A configuração das memórias em São Bernardo e Memórias do Cárcere. **Signótica**, v. 19, n. 1, p. 15-32, 2007.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. Prefácio de Nelson Werneck Sodré. 40ª ed. v. I e II. Rio de Janeiro: Record, 2004.